

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Sobre a psicanálise verdadeira, e a falsa

Comentário para a atividade de formação do psicanalista

Rebeka Landim Rafael – rebeka\_landim@hotmail.com

**Resumo:** Comentário para a atividade de formação do psicanalista, que busca recolher elementos presentes no texto – Sobre a psicanálise verdadeira, e a falsa – que ressoam em nossa própria formação passados mais de meio século. Para distinguir a verdadeira da falsa psicanálise, é fundamental retornar à descoberta freudiana e ao contexto da primeira grande cisão entre Freud e alguns de seus discípulos. O texto aponta os perigos que se reatualizam com o tempo, especialmente, aquilo que mais tarde Lacan chamaria de O triunfo da religião.

**Palavras-chave:** verdade, inconsciente, contemporâneo

São Paulo  
2023

# Vox Institute for Research and Training in Psychoanalysis



## About true and false psychoanalysis

### Commentary on the psychoanalyst training activity

Rebeka Landim Rafael – [Rebeka\\_landim@hotmail.com](mailto:Rebeka_landim@hotmail.com)

**Abstract:** Commentary for the psychoanalyst's training activity, which seeks to collect elements present in the text - About true and false psychoanalysis - that resonate in our own training after more than half a century. To distinguish true from false psychoanalysis, it is essential to return to Freud's discovery and the context of the first great divide between Freud and some of his disciples. The text points out the dangers that are renewed over time, especially what Lacan would later call The Triumph of Religion.

**Keywords:** Truth, unconscious, contemporary.

São Paulo  
2023

Dando continuidade à proposta feita pelo Mauro, no segundo semestre de 2022, de retornar aos textos de Freud e de Lacan que dizem respeito à formação do psicanalista, coube a mim comentar o texto “Sobre a psicanálise verdadeira, e a falsa”, escrito em junho de 1958, como um roteiro de comunicação para o congresso de Barcelona, que se realizou em setembro daquele mesmo ano. Sua publicação nas atas do referido congresso foi recusada, vindo a ser publicado pela primeira vez somente em 1992.

Seguindo as coordenadas fornecidas em nossa primeira reunião, volto ao texto de Agamben, um exercício de aproximação sobre a questão do que é ser contemporâneo. Para Nietzsche, o contemporâneo é o intempestivo, que toma por um mal, um inconveniente ou um defeito aquilo do qual sua época se orgulha. Trata-se de um posicionamento, que implica em não coincidir perfeitamente com seu próprio tempo, tomando distâncias. Do poeta (Agamben se utiliza do poema O século, de Osip Mandelstam), temos o contemporâneo como sendo a fratura, aquilo que impede o tempo de compor-se e, simultaneamente, o sangue que deve suturar a quebra. Para Agamben, contemporâneo é quem fixa o olhar no seu tempo para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Esse escuro não só lhe concerne, mas não cessa de interpelá-lo, e desse facho de trevas, o contemporâneo é capaz de perceber a luz do passado que procura alcançá-lo, mas não pode fazê-lo. O que o contemporâneo busca é estabelecer relações com outros tempos, assumindo um compromisso entre o arcaico e o moderno. Ele se lança na aposta de que a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico, e estabelece interlocução com esses para poder estar à altura de ler a história de seu tempo de um modo inédito. (Agamben, 2009) É partindo dessa aposta que inicio meu comentário, não sem antes adverti-los que, em alguns momentos, recorrerei a Freud e seu texto sobre “A história do movimento psicanalítico”, numa tentativa de interlocução com Lacan e a psicanálise de hoje.

“Sobre a psicanálise verdadeira, e a falsa” é um roteiro composto por dez pontos que, num primeiro momento, visa distinguir a psicanálise verdadeira da falsa. À medida que avançamos no texto, vemos desdobrar-se uma crítica de Lacan não só às distorções teóricas ocorridas e que influenciaram as práticas dos psicanalistas daquela época, mas também à organização hierárquica institucionalizada na comunidade psicanalítica.

Lacan introduz a questão da análise verdadeira a partir da ideia de uma psicanálise autêntica, em acordo com a verdade evidenciada pela experiência com o inconsciente. É a partir da descoberta do inconsciente e de como a verdade opera para fins curativos, que se evidencia a dominância da relação do homem com a verdade. A psicanálise verdadeira tem por

fundamento a relação do homem com a fala. É por meio da fala que o homem se relaciona com a verdade, a partir do campo da linguagem. É por esse eixo que se deve julgar e avaliar seus efeitos, para além de mudanças variadamente benéficas, o advento de uma ordem efetiva em fatos, até então inexplicáveis, que se revelam inéditos. Ao não se reconhecer a fala como meio pelo qual a experiência psicanalítica se dá, busca-se em outro lugar o que a sustente, tal como um afeto imediato, o que, nas palavras de Lacan, é um “verdadeiro delírio a recobrir uma ação pela qual o homem talvez aborde mais de perto o núcleo constitutivo da razão”. (Lacan, 2003, p.165) A psicanálise falsa decorre tanto da carência desse fundamento, como também do distanciamento do campo da linguagem. Lacan aponta o esquecimento e o desconhecimento como condições para que ocorra o distanciamento, bem como as aproximações substitutivas em relação a outras disciplinas, numa tentativa de justificar a ação do psicanalista.

Uma psicanálise baseada na relação do homem com a fala e que opera no campo da linguagem vai ao encontro da ideia de sobredeterminação, primordial em Freud, mas, segundo Lacan, nunca elucidada anteriormente. Ele pontua que embora o substrato biológico do sujeito esteja implicado na análise, isso não significa que a causalidade por ela descoberta seja redutível ao biológico. Tampouco se trata de simples efeito da cultura, mas de uma anterioridade radical em relação ao social. Foi a partir da interpretação dos sonhos, lapsos, atos falhos e chistes, enquanto formações do inconsciente, que Freud descobriu leis e efeitos próprios da linguagem como constitutivos de sua causalidade. “Causalidade que mais se deve dizer lógica do que psíquica, se dermos à lógica a acepção dos efeitos do logos (princípio platônico mediador entre o mundo sensível e o mundo inteligível), e não apenas o princípio de contradição” (Lacan, 2003, p.174), enuncia Lacan, referindo-se aos mecanismos de condensação e deslocamento, que têm por efeitos, respectivamente, a metáfora e a metonímia. Alguns anos mais tarde, essa antecipação feita por Freud foi formalizada por Saussure em seu Curso de linguística geral. Mas aqui, diferentemente de Saussure, que sustenta uma correspondência entre significante e significado, Lacan aponta para uma primazia do significante, a partir do algoritmo S/s (Significante sobre significado). Em uma construção teórica posterior, Jakobson incluiu a metáfora e a metonímia numa estrutura específica à ação própria do significante, capaz de engendrar a significação no sujeito do qual se apodera, marcando-o como significado.

Estabelecida essa causalidade baseada na linguagem e em leis que lhe são próprias, a partir de onde o sujeito fala e se constitui, Lacan aponta que “toda promoção da intersubjetividade na personalologia humana só pode articular-se a partir da instituição de um Outro como lugar de fala.” (Lacan, 2003, p.175) Trata-se da Outra cena freudiana, cujo palco

seria regido pela maquinaria do inconsciente e o sujeito, sobredeterminado pela ambiguidade inerente ao discurso. O pacto da fala permite ao sujeito receber a própria mensagem sob a forma invertida ao passar pelo Outro. Existe aqui uma anterioridade do receptor em relação a qualquer emissão, também já anunciada por Freud, o que permite distinguir o sujeito como sendo estritamente constituído por símbolos-índices e que aponta seu lugar de emissor da mensagem no discurso. O sujeito entra na mensagem como significante, mas essa mensagem dirigida ao Outro, através da operação da demanda, incorpora as imagens que farão parte do discurso.

Ao evidenciar o discurso como uma composição simbólico-imaginária, onde o imaginário é constituído pelo código simbólico e funciona como tela, uma espécie de filtro à comunicação da mensagem inconsciente, Lacan nos alerta sobre o risco de captura imaginária do sujeito no discurso do Outro, do mesmo modo que aponta a captura imaginária sofrida pelos psicanalistas, onde o conceito de simbólico, enquanto constituído na cadeia significante, único lugar possível de operar uma sobredeterminação a partir dos mecanismos de combinação e substituição dos elementos que compõem o material significante, foi deixado de lado. O que se pôde recolher desse equívoco é que a ação do psicanalista se dirigiu não mais ao sujeito do inconsciente, que se constitui na própria ação da fala, mas ao sujeito já conformado à essa composição discursiva, e que essa fascinação imaginária, como o próprio Lacan denomina, obnubilou qualquer chance de distinção entre resistência do discurso e resistência do sujeito.

As consequências dessa confusão encontram-se presentes desde a época de Freud e suas tentativas fracassadas de retificação da leitura sobre a instância do eu, articulando-a na tópica intrassubjetiva, a partir de *Introdução ao narcisismo* (1914), onde ele destaca as bases ilusórias e constitutivas do eu. Vale ressaltar que é o mesmo ano de escrita do texto *História do movimento psicanalítico*, no qual Freud conta da cisão com Adler e Jung, não sem recordar os momentos nos quais teve notícias de que sua teoria fora distorcida, recortada, enquadrada afim de ser reconhecida e melhor aceita, especialmente nos Estados Unidos. Sua resposta ao reconhecimento mediante tal adaptação foi que quanto maior o sacrifício das verdades da psicanálise, mais as resistências a ela cairiam. (Freud, 2006) Após a cisão, Freud procurou reestabelecer os fundamentos da psicanálise, incompatíveis com as teorias dos dissidentes, numa tentativa de que tais teorias não fossem reconhecidas como psicanálise. Tratava-se de sustentar uma condição ética, haja vista o desprendimento com que os fundamentos da descoberta do inconsciente foram deixados de lado. O fracasso de Freud em impedir o estabelecimento da assim chamada *Análise do eu*, segundo Lacan, estaria associado ao desconhecimento, por parte dos psicanalistas, de muitos dos seus textos, que deles só saberiam

os títulos. Soma-se a esse suposto desconhecimento, o status analítico do eu, onde sua função imaginária coaduna-se com seu valor de objeto ideal, metonímico, o que, nas palavras de Lacan, “serviu apenas de pretexto para a introdução de uma ortopedia psíquica que se aferra com uma obstinação gagá a um reforço do eu – desconsiderando que isso é ir no sentido do sintoma, da formação defensiva, do álibi neurótico, e se protegendo com uma harmonia preestabelecida da maturação dos instintos da moral.” (Lacan, 2003, p.176) Esse engodo imaginário onde se situa o eu, foi retomado décadas mais tarde por Lacan em seu texto sobre o estádio do espelho.

Chegamos ao sexto ponto, momento no qual Lacan não só dá testemunho do crescente obscurantismo de sua época, mas também se posiciona perante a comunidade psicanalítica. Frente ao desvio teórico proporcionado pelo esquecimento e desconhecimento da obra freudiana, ele anuncia a radicalidade de sua posição como resultado de um duplo trabalho de comentário dos textos freudianos ao longo de sete anos, e do ensino de apresentação clínica e supervisão terapêutica realizado nos cinco anos anteriores, cujas consequências foram condensadas e expostas em Royaumont naquele mesmo ano e cujo tema foi a direção do tratamento, a partir do lugar da interpretação, do manejo da transferência e das normas em que se fixam os objetivos e o término da análise.

Lacan ainda denuncia as dificuldades impostas por alguns da Sociedade Internacional de Psicanálise para traduzir a obra freudiana integralmente para o francês, assim como a impostura evidenciada nos textos por meio de “esquecimentos, disparates, falsificações e erros que tornam sua leitura ininteligível, na melhor das hipóteses, e inteiramente inventada, na pior” (Lacan, 2003, p.177), sem esquecer da oposição dessa mesma parcela da Internacional em discutir esses mesmos trabalhos.

É pela retomada da doutrina freudiana e as linhas de pesquisa por ela fixadas que Lacan aponta para o problema criado pela descoberta do inconsciente, a saber, o problema das relações que ligam o sujeito ao significante. Esse problema tem a ver com o sujeito e a identificação. Nas relações que o sujeito estabelece com o real, Freud não tomara a realidade como “pura e simplesmente dada”, assumindo uma posição diferenciada em relação aos psicanalistas que o sucederam e que a tomaram como referência e horizonte no tratamento, transformando a prática psicanalítica numa pedagogia corretiva.

Para Lacan, não se trata de colocar em dúvida a primazia do real, mas de colocá-lo em questão a partir do momento que a linguagem introduz nele uma outra dimensão. Se a ação do psicanalista visa a realidade, em se tratando do drama da neurose, o máximo que se poderá

recolher são efeitos de recuo do sintoma e do sofrimento que o neurótico dá testemunho. A ação do psicanalista, pautada nos fundamentos deixados por Freud, visa a um mais além, ao qual só se pode ter acesso deixando para trás a realidade e seguindo a trilha significativa, naquilo que se repete.

A resistência estrutural ao discurso com a qual o psicanalista se defronta na clínica resulta do impasse que se apresenta entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. Só se concebe essa oposição dialética, que se dá por meio de uma ocultação alternante entre os dois, ao se levar em conta a identificação significativa. É porque o discurso, enquanto composição simbólico-imaginária, resiste a deixar passar a mensagem oriunda do inconsciente, que decorre a compulsão à repetição. Ou como bem leu Freud, é justamente por ser recalçada, que a verdade insiste em retornar. Quando essas coordenadas de leitura são elididas, a dimensão do conflito, tão cara à psicanálise, desaparece. Lacan aponta que a promoção de uma esfera sem conflito é o que está no cerne da ação terapêutica daqueles que renunciaram aos princípios da descoberta freudiana, descoberta essa que se deu no trabalho de escuta das histéricas. Tal renúncia tem por consequência o desvirtuamento da prática para fins de sugestão social e de sujeição psicológica.

Ao seguir na direção contrária, Lacan retoma a relação do homem com a fala como fundamento da psicanálise e a linguagem como o campo onde o analista deve intervir. O que se visa nesta retomada, e que se vale da interlocução com disciplinas como a linguística e a matemática, é o desejo, que se encontra nas redes significantes, tal qual Freud o mostrou fixado. Esse desejo, atravessado e articulado na cadeia significante, lança-se numa interrogação apaixonada, tão logo o ser vivo é arrancado da condição da necessidade e elevado à posição da demanda sem objeto. É entre a incondicionalidade dessa demanda e a satisfação com que se pretende sufocá-la que Lacan localiza o desejo e nos diz a seu respeito “essa condição quase perversa em sua forma absoluta”. Ele também nos aponta que esse é o lugar da angústia e que lá se encontra seu símbolo vivo – o falo – cuja função simbólica no complexo de castração foi esquecida e ele, reduzido à função imaginária de objeto parcial.

Quem melhor do que o próprio Freud para nos dizer do desejo inconsciente a partir da elaboração dos sonhos e apontar que seu objeto não é outra coisa senão metonímico, estando além de qualquer reconhecimento e mesmo furtando-se a este, posto que o desejo, mesmo sendo articulado na linguagem, não é articulável na fala e, justamente por não o ser, não é passível de adaptação à realidade. E ainda que não seja articulável na fala, é ao deslizar pela cadeia

metonímica que o retém em torno da fantasia que o sustenta, que o desejo é capaz de produzir o significado do sintoma em que essa fantasia se realiza por meio da metáfora.

Nesse ponto, Lacan nos convida a nos aproximarmos dos problemas do tratamento e da profunda distinção que há entre a sugestão e a transferência – esse vínculo com o Outro que se estabelece a partir da demanda a que a análise dá lugar. É desse lugar que algo se repete, um mais além que desenha a demanda por sua insistência, para ser apreendido em seu efeito de desejo e analisado em seu efeito de sugestão. A sugestão aqui não é mais uma operação clínica, onde a visada é a adaptação do sujeito, mas sim o efeito que se recolhe a partir do desfazimento da tela imaginária, cuja função é impedir que a mensagem do inconsciente chegue ao seu destino; e onde o desejo se articula como significante na questão existencial do sujeito, questão essa que serve de horizonte à transferência. Essa transferência finda quando o sujeito, enfim, encontra-se no lugar do Outro, reatualizando em ato as palavras de Freud – *Wo Es war, soll Ich werden* (Onde Isso estava, o Eu deve advir).

A partir dessa assunção, Lacan retoma o mandamento bíblico do amor ao próximo, para constatar que aquilo que o homem odeia no Outro é o que ignora em si mesmo, e que nos serve de lembrete que a via de tratamento tanto da ignorância quanto do ódio passa pelo inconsciente. Mas o que acontece quando o inconsciente e com ele a possibilidade de advento do sujeito ficam de fora da ação do psicanalista? No ponto 9 do roteiro, Lacan busca respostas na filosofia iluminista e sua aposta na razão, capaz de esclarecer tudo a respeito do homem, ao preço de desacreditar a natureza e seus mistérios, e de negar o desejo em nome de uma lei universal. Tal aposta, que recusa tudo aquilo que se estende para além do escopo da razão absoluta e não permite sustentar uma posição de não saber, não é sem efeito, como nos mostra os eventos ocorridos ao longo do século XX, onde o exercício da razão foi levado às últimas consequências. Em quê exatamente isso nos toca? Ao falar de como Adler simplesmente jogou fora sua teoria do inconsciente em nome de construir algo próprio, Freud nos conta que “a visão da vida refletida no sistema adleriano fundamenta-se exclusivamente no instinto agressivo; nele não há lugar para o amor.” (Freud, 2006, p.65) Ao se tirar o inconsciente da conta subjetiva, o amor vai junto? É uma questão que deixo em suspenso.

Paradoxalmente, uma recusa análoga se deu na psicanálise. Na atitude daquele que instituiu uma nova razão a partir de sua descoberta e foi capaz de retomar o questionamento essencial ao homem sobre seu desejo, para depois confiar seu legado justamente àqueles que transformaram a psicanálise num instrumento de equívoco e conformismo, numa instituição



hierárquica comparável a uma Igreja, dedicada a não somente renegar os fundamentos que sustentam a psicanálise, como também garantir a perenidade de suas posições de poder. O que se recolhe dessa insistente recusa à verdade do inconsciente é não somente a falsidade das posições dos herdeiros de Freud, mas a própria posição da psicanálise. Dessa situação feita de desconhecimentos consensuais, o que se evidencia é a resistência dos psicanalistas, que se valem de analogias e ficções para justificar a prática.

Se no tocante à verdade do inconsciente ou de uma tradição, temos evidências de que aqueles que se dispuseram a garanti-la revelaram-se indignos, ainda que ao custo de sustentarem uma prática sem saber o que fazem, Lacan, por sua vez, reitera que o princípio de verdade que fundamenta a psicanálise subsiste na confiança privilegiada na fala, “o veículo natural do erro, o veículo de eleição da mentira e o veículo normal do mal-entendido” (Lacan, 2003, p.181), e justamente porque a fala se desdobra na dimensão da verdade e assim a suscita. É desse truísmo que devemos partir para pensar a psicanálise e restabelecer sua missão.

Lacan nos diz que subsiste um mistério “quanto às condições apropriadas à guarda do patrimônio disciplinar gerado por um campo em que o próprio praticante tem que se manter no nível do sujeito que ele descobre – ou seja, aqui, não o sujeito do conhecimento, o olho frente ao mundo real, mas o sujeito da fala, isto é, tal como ele emerge na dimensão da verdade.” (Lacan, 2003, p.181) Eu me pergunto se ele não estaria assinalando o próprio fim de análise como condição necessária, mas não suficiente, para sustentar essa guarda.

De qualquer modo, se Lacan coloca essa questão, é porque Freud se confrontou com uma necessidade profunda de garantia, a tal ponto que fundou uma comunidade e deixou que nela se inserisse um comitê secreto, responsável pela elaboração dos aparelhos de política vigentes até então. Essa entrega romântica de Freud teria sido só um acidente, Lacan se pergunta. Ele evoca o mimetismo singular da história em relação a análise do funcionamento da Igreja e do exército, feita no texto “Psicologia das massas e análise do eu”; funcionamento este que seria reconhecido na própria Sociedade anos mais tarde. O roteiro se encerra com uma citação de Voltaire: “Esmaguemos a infame!”, em referência ao funcionamento de Igreja na comunidade psicanalítica. Temos notícias por seus textos posteriores que Lacan se deu conta da tamanha virulência desse funcionamento, capaz de garantir longevidade justamente pela recusa ao inconsciente, a ponto de afirmar que a religião triunfaria. Quanto à psicanálise, caberia a ela sobreviver. Lacan não só ousou olhar para as trevas de seu tempo, como foi capaz de sustentar esse olhar e recolher a luz do passado, estabelecendo uma interlocução com o que

havia sido esquecido. Não só retornou a Freud como nos legou coordenadas de acesso às verdades fundamentais da psicanálise. Isso não impediu que novas recusas, esquecimentos e desconhecimentos se dessem.

Quase sessenta e cinco anos depois, o obscurantismo que Lacan denunciou em seu roteiro se faz presente. Basta lembrarmos das distorções, elisões e abandonos voluntários que sua obra sofreu ao longo dos anos, assim como a própria publicação e tradução ditas oficiais de seus seminários serem feitas a conta-gotas por seu herdeiro. Junto a isso, afrouxam-se e ampliam-se leituras conceituais em nome de uma maior interlocução com outros campos ou de um melhor alinhamento aos novos tempos. Há ainda quem sugira que Lacan foi tão longe em seu ensino que Freud se tornou dispensável na construção de um saber teórico-clínico. Por último e não menos problemático, a profusão de instituições de ensino da psicanálise, algumas ligadas a grupos religiosos, onde, ao fim do curso, um diploma poderia determinar que há um analista. Se voltamos a esse texto hoje é para não nos esquecermos que o imaginário, ainda que incurável, é passível de tratamento. Cabe a nós, psicanalistas em formação, fazer valer a transmissão de Freud e Lacan, para que naquilo que se repete enquanto recusa, desconhecimento, ignorância desde a descoberta do inconsciente até os nossos dias, possamos reconhecer a verdade, já que ela não se deixa esquecer.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, 2009.

FREUD, S. *A história do Movimento Psicanalítico*. In: *Obras Completas, vol. XIV* Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, J. *Sobre a Psicanálise Verdadeira, e a falsa*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.